

O Valor das Trocas na Era Moderna sob o Olhar de Adam Smith

Baseado no livro: [A Riqueza das Nações](#)

Autor: [Adam Smith](#)

Publicado em: [1776](#)

Resumo e Análise: Alberto Teca Tomás

Índice

1. Introdução.....	2
2. A Génese da Riqueza: Como a Divisão do Trabalho Criou o Mundo Moderno.....	3
3. O Fim do Escambo: A Origem e a Função Essencial do Dinheiro	4
4. O Paradoxo do Valor: Utilidade versus Poder de Compra	5
5. A Medida de Todas as Coisas: O Trabalho como Preço Real.....	6
Conclusão.....	8

1. Introdução

A Mão (Ainda) Invisível do Comércio

Numa era definida pela vertiginosa complexidade das cadeias de abastecimento globais, onde um simples clique pode mobilizar uma embaraçada rede de produção e logística, é fácil sentirmo-nos perdidos. Contudo, sob esta aparente complexidade, reside uma lógica fundamental, articulada há mais de dois séculos por Adam Smith. O seu pensamento sobre a especialização e a troca não é uma relíquia histórica; continua a ser o alicerce da nossa sociedade comercial. Este resumo propõe-se a revisitar os conceitos seminais de Smith, a divisão do trabalho, a origem do dinheiro e a natureza do valor para decifrar a lógica subjacente à nossa economia e refletir sobre a sua pertinência para os desafios contemporâneos. A chave para esta compreensão reside num dos seus princípios mais célebres:

“Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse.”

Esta observação, focada no auto-interesse como motor da cooperação económica, é o ponto de partida para explorar o mecanismo que, segundo Smith, deu origem à riqueza das nações: a divisão do trabalho.

2. A Génese da Riqueza: Como a Divisão do Trabalho Criou o Mundo Moderno

O maior aprimoramento das forças produtivas e, consequentemente, da riqueza de uma sociedade, não nasce de um grande propósito, mas de um princípio surpreendentemente simples: a divisão do trabalho. Smith identificou esta especialização de tarefas como o motor primário do aumento exponencial da produtividade, uma ideia que ilustrou de forma magistral através do exemplo de uma modesta fábrica de alfinetes.

Nesta manufatura, a produção de um único alfinete é decomposta em cerca de 18 operações distintas. Um operário não treinado para esta atividade, a trabalhar isoladamente, talvez mal conseguisse fabricar um único alfinete por dia e certamente não faria vinte. No entanto, ao dividir o processo, uma pequena equipa de apenas dez operários, mesmo não sendo particularmente hábeis, conseguia produzir mais de 48.000 alfinetes por dia. Este salto monumental na produção não é magia, mas o resultado de três fatores distintos identificados por Smith:

1. **O aumento da destreza:** A repetição de uma única e simples tarefa torna cada trabalhador extraordinariamente rápido e preciso na sua execução.
2. **A poupança de tempo:** Elimina-se o tempo que "geralmente, seria costume perder ao passar de um tipo de trabalho para outro", um custo que, embora pareça pequeno, se acumula significativamente.
3. **A invenção de máquinas:** A concentração de um trabalhador numa única tarefa leva-o, muitas vezes, a conceber ferramentas e máquinas que "facilitam e abreviam o trabalho". A inovação, para Smith, brota frequentemente do interesse próprio dos operários em poupar o seu próprio esforço. Ele narra a história de um rapaz empregado nas primeiras bombas a vapor, cuja única função era abrir e fechar uma válvula. Entediado, e "que gostava de brincar com seus companheiros", o rapaz observou que podia amarrar um barbante da alavanca da válvula a outra parte da máquina, automatizando a sua tarefa e libertando-se para brincar.

Assim, um dos maiores aperfeiçoamentos da máquina a vapor foi descoberto por um rapaz que apenas "queria poupar-se no próprio trabalho".

Contudo, este poderoso motor de produtividade tem um limite: a "extensão do mercado". A especialização só é viável se houver um mercado suficientemente grande para absorver a vasta produção que ela gera. Smith ilustra este ponto com o exemplo de um fabricante de pregos nas remotas Terras Altas da Escócia. Tal operário poderia produzir trezentos mil pregos por ano, mas na sua comunidade isolada "seria impossível vender 1000 pregos, ou seja, a produção de apenas um dia de trabalho". É por isso que, historicamente, o progresso floresceu primeiro ao longo das costas e rios navegáveis, que abriam o acesso a mercados mais vastos e permitiam um grau de especialização muito maior. Ao criar excedentes massivos, a divisão do trabalho tornou a troca não apenas possível, mas absolutamente necessária, forçando a evolução dos mecanismos que a facilitam.

3. O Fim do Escambo: A Origem e a Função Essencial do Dinheiro

Com a especialização, cada indivíduo passa a depender da produção alheia para satisfazer a esmagadora maioria das suas necessidades. Numa sociedade baseada na troca direta, ou escambo, surgem obstáculos consideráveis. Smith ilustra o problema de forma clara: o açougueiro, que tem mais carne do que precisa, pode querer pão, mas se o padeiro já tiver carne suficiente, "não poderá haver nenhuma troca entre as duas partes", o comércio paralisa.

Para superar esta "dupla coincidência de desejos", as sociedades, de forma natural e gradual, começaram a utilizar uma mercadoria intermediária que todos estivessem dispostos a aceitar. A história regista inúmeros exemplos deste "dinheiro" primitivo: o gado, o sal, conchas específicas e até o bacalhau seco. Eventualmente, porém, "motivos irresistíveis" levaram à preferência universal pelos metais. As suas vantagens eram inegáveis e resolviam os problemas centrais da troca:

1. **Durabilidade:** Podem ser "conservados, sem perder valor", ao contrário de mercadorias perecíveis.

-
2. **Divisibilidade:** Podem ser "divididos, sem perda alguma, em qualquer número de partes", permitindo trocas de valores exatos, algo impossível com uma ovelha ou um boi.

O uso de metais em barras brutas, no entanto, trazia os seus próprios "dois inconvenientes muito grandes": a dificuldade de pesagem a cada transação e mais importante, a complexidade da verificação da sua pureza e autenticidade (quilate). A solução evoluiu em etapas, as primeiras gravações oficiais em metais, semelhantes à "marca de esterlina que atualmente é impressa em chapas e barras de prata", garantiam apenas o quilate, não o peso. O peso ainda precisava de ser verificado, como quando Abraão "pesou para Efrom os 400 siclos de prata" pelo campo de Macpela. A solução final foi a cunhagem, na qual uma marca oficial cobre inteiramente a peça de metal, garantindo publicamente tanto a sua qualidade como o seu peso. Nasceu assim o dinheiro como o conhecemos: o instrumento universal de comércio que lubrifica as engrenagens de uma "sociedade comercial". Uma vez estabelecida esta ferramenta, surge uma questão mais profunda e filosófica: o que determina, afinal, o valor das coisas que o dinheiro compra?

4. O Paradoxo do Valor: Utilidade versus Poder de Compra

Adam Smith faz uma distinção crucial ao analisar o conceito de "VALOR", que, segundo ele, possui dois significados distintos. O primeiro é o "valor de uso", que se refere à utilidade de um objeto, à sua capacidade de satisfazer uma necessidade. O segundo é o "valor de troca", que designa o poder de compra que a posse desse objeto confere, ou seja, a quantidade de outros bens que se pode obter em troca dele.

Para ilustrar esta diferença, Smith apresenta o célebre paradoxo da água e do diamante, uma formulação que continua a desafiar o nosso senso comum:

"Nada é mais útil que a água, e no entanto dificilmente se comprará alguma coisa com ela... Ao contrário, um diamante dificilmente possui algum valor de uso, mas por ele se pode, muitas vezes, trocar uma quantidade muito grande de outros bens."

Esta distinção continua a ser uma ferramenta analítica poderosa. Na era digital, este paradoxo ressurge com uma nova intensidade. Como aplicar o pensamento de Smith a bens como a informação, o software ou os algoritmos, que possuem um "valor de uso" imenso para milhões de pessoas, mas cujo custo de reprodução é praticamente nulo? Se o seu valor de troca tradicional se dissipa após a criação inicial, que novos princípios regulam o seu preço e a sua distribuição numa economia cada vez mais imaterial? Tendo apresentado este enigma, Smith dedica-se à sua resolução. A fim de "investigar os princípios que regulam o valor de troca das mercadorias", ele propõe-se a mostrar, em primeiro lugar, qual é a verdadeira medida desse valor.

5. A Medida de Todas as Coisas: O Trabalho como Preço Real

Num mundo onde o valor das mercadorias flutua constantemente, como podemos encontrar uma medida estável para as comparar ao longo do tempo e do espaço? Para Adam Smith, a resposta não reside no dinheiro, mas no trabalho. Ele argumenta que o trabalho é a "medida real do valor de troca de todas as mercadorias". A sua lógica é direta e fundamental: o que algo realmente custa a quem o adquire é o esforço e o incômodo necessários para o obter. Nas suas palavras:

"O trabalho foi o primeiro preço, o dinheiro de compra original que foi pago por todas as coisas."

Smith distingue, assim, entre o preço real e o preço nominal:

- ✓ O **preço real** de uma mercadoria é a quantidade de trabalho que ela pode comandar ou comprar. Este é o seu valor fundamental e universal.
- ✓ O **preço nominal** é simplesmente a quantidade de dinheiro pela qual é trocada.

O dinheiro, seja ouro ou prata, é uma medida imperfeita porque o seu próprio valor varia. A descoberta de novas minas pode torná-lo mais barato, e a "avareza e a injustiça dos príncipes" podem degradar o seu valor ao diminuir a quantidade de metal precioso nas moedas. O trabalho, em contrapartida, possui

um valor intrinsecamente mais estável para o trabalhador. Aqui reside o cerne filosófico do argumento de Smith: quantidades iguais de trabalho têm sempre o mesmo valor para quem o realiza, porque representam sempre o mesmo sacrifício. Para o trabalhador, o preço que ele paga "deverá aplicar sempre o mesmo contingente de seu desembaraço, de sua liberdade e de sua felicidade". É este custo em termos de tranquilidade, liberdade e felicidade que é constante. O que muda dramaticamente, é a quantidade de bens que esse sacrifício consegue comprar. Numa sociedade avançada, porém, o preço deixa de refletir apenas o trabalho direto, passando a incorporar outros elementos que compõem a estrutura económica.

Conclusão

A Relevância Duradoura de Smith numa Sociedade Comercial Complexa

A jornada que Adam Smith nos propõe, desde a simples divisão de tarefas numa fábrica de alfinetes até à complexa abstração do valor, revela os mecanismos fundamentais que transformaram a humanidade numa "sociedade comercial". A especialização gera riqueza através de um aumento massivo da produtividade; essa riqueza só pode ser distribuída através da troca; a troca eficiente exige um meio universal como o dinheiro; e o valor de tudo o que é trocado é, em última análise, medido pelo trabalho humano. Estes princípios, formulados no alvor da Revolução Industrial, continuam a oferecer uma estrutura conceptual extraordinariamente poderosa para decifrar a economia do século XXI.

No entanto, a sua obra deixa-nos com uma inquietação final. Se a nossa complexa economia global, do alfinete ao algoritmo, assenta ainda nos pilares do auto-interesse e da troca que Smith tão brilhantemente descreveu, serão estes mecanismos suficientes para nos guiar perante desafios como a desigualdade extrema e as crises ambientais? Ou será que os próprios conceitos de "valor" e "riqueza", que ele se esforçou por definir, necessitam de uma profunda reinterpretação para uma era que exige não só prosperidade, mas também sustentabilidade e justiça? A mão invisível de Smith ainda guia o mercado, mas a questão premente é saber se a sua sabedoria, por si só, é suficiente para guiar a humanidade.